

## Introdução

Ao procurar as nuances dos fios que tecem as estórias literárias infanto juvenis e, nelas, a tessitura dos personagens negros, sei que adentro uma estrada já trilhada por uns, aplainada por outros, mas, ainda, cheia de surpresas em suas veredas entreabertas. Como estou no terreno da literatura, deixo-me deslizar pelas fendas que se abrem à minha frente, com o cuidado de percorrer a trajetória pretendida sem esmaecer a face dos seres sobre os quais me debruço criteriosamente. E, assim, reconheço que meu caminhar é constituído de perdas e buscas. Buscas de informações que elucidem o estudo que ora faço. Perda da “minha organização construída” Digo “construída” por compreender que, ao criar os personagens, caracterizá-los e atribuir-lhes determinados papéis, o artista contribui para que o leitor teça, em seu imaginário, uma percepção dos seres ficcionais representados na obra literária desses personagens, em um primeiro momento trarei à tona algumas considerações dos educadores com os quais tenho atuado, a fim de evidenciar a complexidade que emerge da relação étnico-racial no contexto escolar, contribuindo para a ampliação de nosso olhar em torno dessa questão. Espaço escolar: (des)informação do educador/deformação do ser negro. Durante minha trajetória acadêmica na universidade que leciono (UNEB-BA), notei que a maioria dos educadores com os quais atuei relataram a carência de informação teórica que subsidiasse a seleção de livros literários infanto juvenis que apresentassem personagens negros em uma perspectiva inovadora. Esses educadores também compartilharam situações difíceis que vivenciaram no contexto escolar, ao presenciar o racismo e/ou discriminação entre os seus alunos. Um dos problemas levantados pelos educadores foi a inexistência ou a escassa presença de livros literários com personagens negros nas escolas. E entre aqueles – os livros -, prevaleciam, sempre, os personagens brancos, sob os moldes dos contos de fadas. Ou seja, com traços predominantemente europeizados. Por outro lado, os alunos dos educadores (da Educação Infantil e do Ensino Fundamental), em grande maioria negros, ou morenos, como se autodenominam, e outros de tez clara, quando das festas realizadas nas escolas, escolhiam os colegas para representar papéis de heróis, príncipes, princesas, fadas, conforme o padrão de beleza branco: pele clara, cabelos lisos e, de preferência, louros. Agora, quando se tratava de escolher aqueles que seriam os antagonistas, o Saci Pererê, a bruxa, o representante do mal, indicavam os colegas negros. Lembro-me do relato de uma educadora ao interferir nessas indicações da classe, quando um dos alunos negros recusou-se a ser o Saci Pererê, pois dizia estar cansado de ser sempre o Saci nas festas folclóricas. Também foi comentado sobre os anjos das escolas, os quais eram representados pelas crianças de pele clara, enquanto as negras ficavam de fora, esperando a sua vez. Outras reclamavam e pediam para fazer o papel de anjo, embora vendo a rejeição dos colegas quanto a esse pedido. Afinal, os anjos dos livros didáticos, da literatura, dos cartazes escolares, dos filmes, das igrejas eram sempre brancos, de olhos azuis e não negros. Em virtude disso, aqueles profissionais, após algumas discussões em sala de aula, presumiram que a literatura infanto juvenil dá a sua contribuição para que os alunos tenham uma postura discriminatória, à medida que os personagens negros nas obras disponíveis nas bibliotecas, em grande maioria, são caracterizados de maneira estereotipada. Em contrapartida, os personagens brancos são os heróis e simbolizam o ideal de beleza

européu. Será que isso ainda é uma constante na literatura infantojuvenil brasileira? – Indagavam as educadoras? Teorias pseudocientíficas do século XIX afirmavam existir raças superiores (os europeus) e inferiores (negros, mestiços, índios, entre outros povos). Tais idéias eram baseadas em critérios preconceituosos dos chamados “homens de ciência” da época. Entende-se discriminação racial a ação de preterir, discriminar, rejeitar uma pessoa ou grupos devido ao pertencimento étnico-racial. Um outro fato que não consigo esquecer foi a fala de uma professora, em um curso de aperfeiçoamento de educadores, em Itabuna-BA, em fevereiro de 2002, ao relembrar de um ex-aluno, de quatro anos, de pele clara, que se negou a pegar nas mãos de um colega negro, da mesma idade, por ter nojo das suas mãos, pensando que soltaria tinta e o sujaria. A professora disse ter ficado muito constrangida com a situação; e a criança negra, envergonhada, engoliu a rejeição em silêncio, acuada. Deixo, aqui, essa triste imagem para reflexão. Os relatos não se reduziram às relações étnico-raciais dos professores com seus alunos, alguns profissionais também compartilharam situações conflitantes que vivenciaram no seio familiar, devido à identidade fragmentada dos filhos. Vejamos um exemplo ilustrativo desse fato. Recentemente, em um Seminário sobre Relações Étnico-raciais ministrado em um município da Rede UNEB 2000, uma professora-aluna relatou o seu estarecimento quando a filha de seis anos lhe pediu que arrancasse o seu pescoço com uma faca e o substituísse por outro que tivesse uma cabeça com cabelos lisos. A mãe, desesperada diante do pedido da criança, conversou com a ela e, muito aflita, passou a esconder todas as facas que tinha na casa. Ela reconheceu que a auto-rejeição de sua filha deu-se por ter crescido sentindo-se inferior à outra irmã, de pele clara, que foi sempre elogiada socialmente, devido ao fenótipo e aos cabelos lisos. Embora não aprofundando os problemas decorrentes da vivência dos educadores com os quais lidei, conforme elucidei inicialmente, interessa ressaltar a necessidade e urgência de termos educadores aliados na luta contra o racismo que impera no seio social. Afinal, se o educador não tiver informações suficientes acerca da análise do material didático e, dentre este, a literatura infanto juvenil; se os livros literários e didáticos, em sua grande maioria, estiverem arraigados de ideários estereotipados e depreciativos do negro, a escola, enquanto instituição educacional, será o reduto permissivo ao racismo à brasileira, o que ocasionará prejuízos imensuráveis não só para as crianças negras que tendem a desenvolver uma baixo-estima como, também, para as brancas, que poderão se sentir superiores a estas, assim como evidenciado por Bento (2002). Agora, tratando-se do material didático e, em especial, da literatura infanto juvenil, será que através desses materiais utilizados em sala de aula estamos contribuindo para desconstruir ou para reforçar a estereotipia negativa em face do negro? Vou mais adiante, pensemos nas leituras realizadas ao longo de nossa história, refletamos sobre as imagens tecidas por meio da mídia: das novelas, outdoors, cartazes escolares, revistas... Como é delineada a face do negro nesses textos prezado(a) interlocutor(a)? Vou ousar um pouco mais em minhas provocações: e as histórias que a maioria de nós ouvimos, as que contamos, as que conhecemos, quais são os heróis? Como são eles? O que fazem? Entre estes, quais e quantos heróis negros povoaram o nosso imaginário? Questiono ainda, quais histórias estamos priorizando (e/ou dando) às crianças e jovens (alunos, alunas, sobrinhos, sobrinhas, filhos...). Nessas histórias há personagens negros? Quais papéis exercem?

#### **Literatura infanto-juvenil: revisão bibliográfica**

Diante das características atribuídas aos personagens negros no período lobatiano (entre os anos 20 e 70, século XX) Gouvêa (2001, p. 10) conclui que se reproduz “[...] na literatura infantil uma representação social das relações interracialis no Brasil, representações em que uma visão racista e etnocêntrica se faz presente, de maneira sutil, escapando à idealização pretendida pelos autores”. Buscou-se, então, resgatar a cultura negra nas narrativas da época, porém esse resgate foi permeado pelo racismo e depreciação do povo negro, nas obras de Monteiro Lobato e de seus contemporâneos. O ponto em comum nesses estudos é a constatação de que prevalece a imagem negativa, estereotipada e depreciativa dos negros nos livros literários infantis e juvenis, uma vez que “[...] o branco, enquanto personagem, recebe uma elaboração maior que o não branco” (ROSEMBERG, 1985, p. 84). Em um dos capítulos do livro *Ideologia da literatura infantil*, Rosemberg e sua equipe apresentam os traços característicos atribuídos aos personagens negros. Seu principal objetivo é estudar “[...] o conteúdo para crianças, tendo em vista a produção adulta” (1985, p. 20). Rosemberg tece a caracterização dos personagens negros a partir da análise de 165 livros de literatura infantil, publicados entre 1955 e 1975. Na análise, Rosemberg (1985, p. 86) evidencia que “[...] esses textos deveriam ser submetidos à lei da imprensa, em virtude do preconceito racial”. Tal preconceito é perceptível ao se valorizar o grupo étnico-racial branco em detrimento do negro, o qual é preterido nas obras ou, então, elaborado nas narrativas sem nome, animalizado, em papéis de serviçais, desqualificados, além de serem associados a personagens maus, à sujeira, à tragédia, e de ter um acabamento “ficcional” inferior em relação aos personagens brancos, no tocante à origem geográfica, a religião e à “situação familiar e conjugal.” Referindo-se à ilustração, afirma Saraiva (2001, p.76): “[...] a ilustração tem servido de veículo para reforço de estereótipos e preconceitos”. E Lima (2001, p. 41) reconhece que as “[...] imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado”. Abramovich (1990, p. 41) questiona, afinal, “[...] por que analisar as características das ilustrações das personagens?”, Responde a pesquisadora, para “[...] ficar atento aos estereótipos, estreitadores da visão das pessoas e de sua forma de agir e de ser... a ajudar a criança leitora a perceber isso”. [...] Saber interpretar o momento, ampliar os referenciais, não endossar os disparates impostos, não reforçar os preconceitos, é buscar talvez no estético o momento de ruptura, de transgressão. Com base nas colocações até então explicitadas, é possível observar a veiculação de visões estereotipadas e depreciativas do negro por meio da literatura infantojuvenil brasileira, o que é consequência de um olhar imbuído do “racismo científico”, quando da elevação do branco como o representante da “espécie humana”, em detrimento do negro, que é caracterizado à margem da sociedade, e em papéis que contribuíram para a cristalização de uma visão depreciativa de sua imagem nas relações sociais.

Algumas dessas obras merecem uma reflexão mais atenta, a fim de observar se realmente houve inovação no tocante à tessitura dos personagens negros.

Ao entender que os personagens negros são tecidos de maneira inferiorizada e sujeitos à violência verbal e/ou física, observei que isso não se dá igualmente; há diversas formas de inferiorizá-los. Logo, foram caracterizados através de predicções pejorativas, em decorrência da: a) associação à sujeira/animalização: Carniça, lixo, imundice, preto sujo, etc; ruim de raça, endiabrado, negrinho terrível, negrinha, crioulinho complexado, preto cachorro, burrice de crioulinho, dentre muitos outros termos depreciativos. b) utilização de piadas explicitamente

racistas; c) associação: favela/marginalidade; favela/quilombo; Isso será evidenciado em duas obras: O Menino marrom, de Ziraldo e em Menina bonita do laço de fita, de Ana Maria Machado, obras que serão analisadas posteriormente. Mesmo sabendo que os itens acima dialogam entre si, pois todos mostram a face do racismo brasileiro, daí as narrativas serem um meio de denúncia desse racismo, penso que elas, além de denunciar, corroboram para reforçar, para cristalizar no imaginário do leitor uma única maneira de ver o povo negro, haja vista a sua tessitura nas obras literárias. Nesse prisma, os personagens negros são delineados aquém do espaço social que os rejeita e, em consequência, sofrem a auto-rejeição, por não se aceitarem “diferentes” (NG). Enquanto isso, o branco é colocado além dos negros, não só nas atividades profissionais, como em termos socioeconômico e religioso. Inclusive, é importante observar que a referência religiosa nas histórias é o cristianismo, prescindindo a diversidade inerente às matrizes africanas. Observei, por exemplo, que só uma narrativa faz alusão a Xangô (USE), embora de maneira simplificada. Na realidade, a herança cultural e religiosa do povo negro é silenciada, omitida, na maioria das obras. Embora se referindo aos livros didáticos, Silva (2001, p. 14) faz uma consideração muito pertinente que merece ser citada aqui devido à elucidação em torno dessa questão. A aludida pesquisadora reconhece que A invisibilidade e o recalque dos valores históricos e culturais de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos descritivos, através de estereótipos, conduz esse povo, na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto-rejeição, resultado em rejeição e negação dos seus valores culturais e preferência pela estética e valores culturais dos grupos valorizados nas representações. A asserção de Ana Célia Silva (2001) reitera a idéia que tenho procurado ressaltar: veicular a inferiorização do negro e a supremacia do branco é uma forma de, consciente ou inconscientemente, reforçar o racismo à brasileira (MUNANGA, 1999; 2001), uma vez que se contribui, dessa forma, para promover só um único padrão sócio-cultural e religioso, em detrimento de outros denegados em sua riqueza e diversidade, a exemplo das religiões de matrizes africanas preteridas nas obras literárias analisadas.

Literatura infantojuvenil: mestiçagem/democracia racial Quanto às narrativas que visam o enaltecimento dos personagens negros, reporto-me às obras O menino marrom e a Menina bonita do laço de fita. Dentro do item aparência, é preciso retomar as nuances de cores dos personagens que são enaltecidos em seus traços característicos. Nesse sentido, se rompe com os estereótipos negativos atribuídos aos negros. Porém, uma questão me instiga nas duas narrativas (OMM e MBLF): até onde elas, de fato, corroboram com a desconstrução da visão estereotipada acerca do negro? Afinal, o “menino” se reconhece como “marrom”. E o que significa ser “marrom”? Qual a simbologia em se tecer a “linda mulata risonha”, mãe da menina bonita? Como compreender que esta “menina” seja bonita por conta da “arte de uma vó que ela tinha?”. Embora as narrativas O menino marrom e Menina bonita do laço de fita ressaltem a beleza “marrom” (OMM) e “pretinha” (MBLF), resalto: o problema não é a denúncia, mas, sim, a postura passiva dos personagens diante da discriminação sofrida. Elas, a meu ver, suscitam duas questões que merecem reflexão: 1) a identidade fragmentada (no caso da “menina”); 2) a idealização da relação inter-racial nas duas obras em epígrafe. Tratando-se da identidade étnico-racial, apesar de o narrador descrever os fenótipos negros dos protagonistas: “o menino” e “a menina”, e não expressar descontentamento deles por conta de tais fenótipos, é possível observar que, por outro lado, o pertencimento étnico-racial de ambos é uma incógnita para eles. Por se reconhecer “marrom” e não negro – simbolizado pela cor “preta” – o “menino” sugere não a afirmação ou ressignificação étnico-racial negra, já que ele se aproxima

mais do ideal mestiço arraigado no imaginário social. E a “menina bonita”, até o desenrolar da trama, não descobre o porquê de “ser tão pretinha”, pois a sua mãe justificou a “cor” em virtude de uma “arte” da “avó” que ela tinha. A idéia que emerge da “arte” tem uma conotação pejorativa, como sendo uma travessura feita pela avó da “menina”. A justificativa da “mãe” é também criticada por Silva (2001, p. 40), por compreender que houve, nesse sentido, uma dificuldade da autora em “explicar os determinantes da diversidade racial”. No que concerne à idealização da relação inter-racial e à mestiçagem, observa-se, através do “menino marrom” e do “cor-de-rosa”, que o “mundo não é dividido entre preto e branco”, pois o “que existe” é “gente marrom”, “marrom escuro”, etc. Tratando-se da estória da “menina”, também se sugere a mestiçagem através da ninhada de coelhos de todas as cores e, “até”, uma “coelha pretinha”, que é a última a ser aludida pelo narrador. Ou seja, o que se ressalta é a diversidade racial sugerida pelas nuances de cores para dar margem ao ideário da mistura racial no país. Nessa linha de raciocínio, não haveria impertinência em afirmar que, a partir dessas obras, se buscou afirmar não só o ideal de mestiçagem, como também a idealização da relação inter-racial, corroborando para disseminar o propalado mito da democracia racial. Para melhor abordar a problematização suscitada através dos ideários construídos em torno da mestiçagem e democracia racial, retirei algumas ponderações de competentes pesquisadores das Ciências Sociais, de modo a elucidar que tais ideários são construções políticas que trazem em seu bojo o desejo de camuflar o racismo no solo brasileiro. Munanga (1999) e Sodré (1999) evidenciam que a “mestiçagem” é inerente à humanidade, mas a sua conotação política emerge da busca de hierarquizar determinados grupos étnico-raciais. No bojo dessa acepção, a “mistura” visa a aproximação do padrão de beleza do grupo dominante branco. Logo, tal modo de ver a diversidade étnico-racial brasileira diluída nas nuances de “cor” é o que configura o racismo à brasileira. Assim, tende-se a dissolver, também, a conscientização dos negros que, tomando como ideal o padrão branco, acabam por se dispersar politicamente. Enquanto isso, persiste no imaginário social a idéia de que se “[...] fomos misturados na origem [...], hoje não somos nem pretos, nem brancos, mas sim um povo miscigenado” (MUNANGA, 1996, p, 186). E, enquanto miscigenados, somos o “povo brasileiro” que tem orgulho de dizer: aqui não há discriminação racial. Eis, assim, o desdobramento do “mito da democracia racial”.

Saber fazer uma análise atenta e criteriosa das obras literárias que são trabalhadas em sala de aula é um caminho plausível na luta contra o racismo e seus malefícios. Nesse sentido, as categorias pertinentes à tessitura dos personagens negros aqui apresentados poderão servir como base para selecionar as narrativas.